

## **O MUNDO QUE EU VI: MEANDROS DA GENEROSIDADE NAS MEMÓRIAS DE STEFAN ZWEIG**

**Maurício dos Santos Gomes<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este trabalho aborda as memórias de Stefan Zweig, *O mundo que eu vi*, a fim de debater a impressão de generosidade contida em seu esforço de rememoração. Ao contrário do que comumente encontramos em escritos memorialísticos, o texto de Zweig adota uma perspectiva francamente plural, diluindo a história de um “eu” na amplitude de um “nós”. Assim, ao invés de recompor apenas sua própria trajetória, o autor se ocupa com uma série de quadros biográficos alheios, através dos quais, segundo cremos, procura não apenas contrapor o mundo de antes e de depois das guerras como também marcar uma posição estética e política (nos limites de sua perspectiva finissecular). Em termos de forma, essa posição deixa-se notar pelo uso, ora inclusivo, ora exclusivo, de primeira pessoa do plural (conforme a proposição de Benveniste), no qual podemos notar o movimento de aproximação e distanciamento entre os leitores de Zweig e seu “mundo de ontem”.

**Palavras-chave:** Stefan Zweig; *O mundo que eu vi*; narrativa de memória.

### **THE WORLD THAT I SAW: GENEROSITY INTRICACIES IN STEFAN ZWEIG'S MEMORIES**

**ABSTRACT:** This work addresses Stefan Zweig's memoirs, *O mundo que eu vi*, to discuss the generosity impression contained in his effort to remembering. Contrary to what we commonly find in memoirs writings, Zweig's text adopts a frankly plural perspective, diluting the story of an "I" in the range of a "we". So, rather than just rebuild their own trajectory, the author deals with a number of other people's biographical paintings, through which, we believe, he tries not just counter the world before and after the wars, but also mark an aesthetic and political position (within the limits of its end of century perspective). In terms of form, the position is noted by the use, sometimes inclusive and sometimes exclusive, of the first-person plural (according to Benveniste's proposition), in which we can see the movement of closeness and distance among Zweig' readers and his "yesterday's world".

**Key-words:** Stefan Zweig; *O mundo que eu vi*; memory narrative.

---

<sup>1</sup> Mestre em literatura comparada pela UFRGS. Doutorando em literatura brasileira pela mesma instituição.

Quanto a nós, vivemos tudo de maneira irrecuperável, nada do antigo permaneceu, nada retornou; a nós foi destinado participarmos ao máximo daquilo que normalmente a história distribui parcamente num só país, num único século. Uma geração participou de uma revolução, outra de uma rebelião, a terceira de uma guerra, a quarta de uma grande fome, a quinta de uma falência do banco estatal – e muitos países abençoados e até gerações abençoadas não sofreram nada disso. Mas nós que hoje temos sessenta anos de idade e na verdade ainda teríamos direito a um pouco de tempo à nossa frente, o que foi que *não* vimos, *não* sofremos, *não* experimentamos? (Stefan Zweig, *O mundo que eu vi*, p. 10)

Parece bastante adequado atribuir ao caráter e à obra de Stefan Zweig certa disposição à generosidade. Essa qualificação, quase lugar-comum entre os comentários críticos sobre o autor, tem respaldo não apenas no auxílio sempre destinado aos amigos próximos, mas, sobretudo, na vasta produção de Zweig como tradutor e biógrafo, que manifesta seu esforço em transmitir e retratar a vida e a obra das mais diversas figuras, sejam mestres do passado (Balzac), figuras políticas (Maria Antonieta e Fouché) ou escritores coetâneos (Verhaeren e Rolland). A generosidade atribuída a Zweig, portanto, parece decorrer da atenção que o autor sempre despendeu a obras e personalidades alheias, sua dedicação em apresentar e valorizar diversos “outros”. Mesmo em seu livro de memórias, *O mundo que eu vi*, em que poderíamos esperar uma maior exposição da individualidade de Zweig, são os “outros” que saltam aos olhos em retratos elogiosos, o que só parece confirmar a disposição generosa do escritor austríaco<sup>2</sup>. Mas será isso apenas uma questão de atributo pessoal sem maior interesse? Não haveria meandros mais complexos nessa postura de Zweig? Para ensaiarmos uma resposta, podemos voltar ao livro de memórias, já que nele o autor repassa sua trajetória de vida, e vemos de que maneira se desdobra essa postura generosa.

Iniciado em 1934, período de exílio do autor na Inglaterra, *O mundo que eu vi* (*Die Welt von Gestern*, literalmente “o mundo de ontem”) foi concluído em 1942, pouco antes do suicídio de Zweig e de sua esposa, Lotte Altmann, em Petrópolis. Em linhas

---

<sup>2</sup> Poderíamos contrapor essa afirmação, com base no argumento de Philippe Lejeune (1996, p. 14), dizendo que a presença do “outro” no texto de Zweig não passa de uma contingência do gênero memorialístico, que se caracterizaria pela narração retrospectiva de um narrador-personagem identificado com o autor empírico, em que, contudo, não há predomínio de uma vida individual ou da história de uma personalidade. No entanto, para além da precariedade da definição sugerida por Lejeune (que delimita o gênero memorialístico com base na simples ausência de critérios definidores da autobiografia), o interesse aqui, como veremos, é fazer notar a forma peculiar como o “outro” é elaborado no texto de Zweig.

gerais, o texto de Zweig põe em contraste dois mundos, o da *belle époque* europeia, cheia de segurança e inflada pela crença no progresso, e o da Europa das Guerras, assolada pela inflação, pela fome e pela perda gradual das possibilidades do indivíduo. Como afirma o próprio autor: “antes da guerra conheci o nível mais alto, a forma mais completa de liberdade individual, e depois dela a sua pior condição em centenas de anos, fui festejado e desprezado, livre e prisioneiro, rico e pobre” (ZWEIG, 1999, p. 10).

Os contrastes são feitos por quadros da vida social, antes e depois das Guerras, em meio aos quais transitam Zweig e seus amigos notáveis, como Hugo von Hofmannsthal, Rainer Maria Rilke, Romain Rolland, Émile Verhaeren, entre muitos outros. Dessa forma, são descritas a monotonia do sistema escolar vienense, a repressão em torno dos hábitos sexuais da *belle époque* austríaca, a liberdade garantida pela vida universitária, assim como a condição dramaticamente insalubre dos feridos no *front*, a penúria da inflação austro-alemã e a demência étnico-nacionalista de Hitler. Somadas a isso, figuram as impressões do autor, em boa medida idealizadas, sobre as cidades pelas quais passa, como a Paris da juventude eterna, a Berlim dos modernos e a acinzentada Londres, além, é claro, de suas impressões positivas sobre a Argentina e o Brasil, ao qual daria a alcunha de “país do futuro”. De todo modo, a nostalgia é o elemento de mediação entre os quadros do passado e os do presente do autor, de maneira que a *belle époque* tenha qualquer coisa de paraíso perdido ao qual seria desejável, embora impossível, retornar.

Numa dimensão mais profunda, *O mundo que eu vi* parece dar conta de uma trajetória que vai do “eu” soberano ao “eu” mínimo (para usarmos os termos de Christopher Lasch): uma geração com todas as possibilidades de desenvolvimento individual se vê, em poucas décadas, reduzida à condição de um “eu” em frangalhos, exilado, humilhado e perseguido etnicamente, e tendo de provar sua identidade por meio do aparato burocrático (passaportes, vistos, permissões e carimbos). Como registra Lasch, em *O mínimo eu*, a individualidade é drasticamente abalada por essa transformação de condições:

[...] a individualidade mínima não é só uma resposta defensiva ao perigo, mas se origina de uma transformação social mais profunda: a substituição de um mundo confiável de objetos duráveis por um mundo de imagens oscilantes que torna cada vez mais difícil a distinção entre a realidade e a fantasia. (LASCH, p. 13)

Em meio a tudo isso, então, como se manifesta a postura generosa e de que formas ela pode ser complexificada? Num primeiro momento, a presença constante dos retratos alheios parece dar conta disso: Zweig, mesmo ao narrar suas memórias, não abandona certas características de biógrafo, como podemos ver nas muitas personalidades sucessivamente descritas ao longo do texto, em sua maioria escritores e artistas. No entanto, é no modo como o narrador das memórias se constrói que a postura generosa de Zweig se revela de modo mais intrigante e complexo: trata-se de um texto memorialístico em que, ao invés de “eu”, parece haver o predomínio do “nós”.

À primeira vista, o uso recorrente da primeira pessoa do plural parece estar de acordo com as palavras de Zweig logo no início de suas memórias:

Não pretendo nem de longe colocar-me à frente de tudo isso, a não ser como quem vai narrando um filme; o tempo fornece as imagens, eu apenas acrescento as palavras, e na verdade não estarei contando tanto o meu destino quanto o de toda uma geração – a nossa geração daquele tempo, onerada como poucas com a fatalidade no curso da história. (1999, p. 7)

O narrador, como comentarista de um coletivo, pretende traçar panoramas nos quais esteja inserido, mas não destacado, já que se refere ao destino de toda uma geração. Embora o objetivo enunciado pelo narrador por si só já pareça justificar o uso recorrente de “nós”, da diluição do “eu” em meio a “outros”, as maneiras como Zweig emprega a primeira pessoa do plural ao longo do texto não são homogêneas, e tampouco o “nós” representa terreno pacífico ao narrador, que chega a questioná-lo ainda no prefácio:

[...] digo “nós” e me assusto recordando que para as pessoas de minha pátria já não pertença a elas como não pertença aos ingleses e aos americanos, lá não tenho mais ligações orgânicas e por outro lado aqui nunca me inseri inteiramente; o mundo no qual cresci e o de hoje e o mundo entre esses dois separam-se cada vez mais na minha percepção, tornando-se totalmente diferentes. (1999, p. 9)

Vale lembrar que Zweig escreveu suas memórias em meio à Segunda Guerra e já na condição de judeu exilado, sem nacionalidade, destituído de moradia e biblioteca, e longe dos amigos evocados no texto, ou seja, num contexto em que pensar o estatuto de “nós” é tarefa tão árdua quanto necessária, sobretudo se levarmos em conta também a força dos discursos nacionalistas em toda a Europa.

No entanto, antes de pensarmos nas particularidades da primeira pessoa do plural tal como aparecem no texto de Zweig, é preciso um pequeno parêntesis teórico, no sentido de esclarecer algumas noções sobre a natureza da pluralização da primeira pessoa. Partindo do argumento de Émile Benveniste, no texto “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, percebemos que “nós” não é o mesmo que um somatório de “eus”, mas, sim, um “eu” dilatado para lá da simples pessoa, simultaneamente acrescido e de contornos vagos” (BENVENISTE, 1978, p. 31). Em “nós”, portanto, o “eu” se torna amplo e, mesmo em estado de difuso, não deixa de ser a força centralizadora:

“Se não pode haver vários ‘eu’ concebidos pelo próprio ‘eu’ que fala, é que ‘nós’ é, não uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma junção entre o ‘eu’ e o ‘não-eu’, seja qual for o conteúdo desse ‘não-eu’. Esta junção forma uma totalidade nova e de um tipo muito particular, cujos componentes não são equivalentes: em ‘nós’, é sempre ‘eu’ que predomina, visto que não há ‘nós’ senão a partir de ‘eu’, e este ‘eu’ subordina a si o elemento ‘não-eu’ pela sua qualidade transcendente. A presença do ‘eu’ é constitutiva do ‘nós’”. (BENVENISTE, 1978, pp. 29-30).

A partir disso, Benveniste categoriza dois tipos de “nós”, tendo em vista o conteúdo deste “não eu”: o “nós” inclusivo (“eu” mais “vós”), em que há correlação de subjetividade, e o “nós” exclusivo (“eu” mais “eles”), em que há correlação de personalidade. No primeiro caso, o “eu” se relaciona com o “não eu” dentro do eixo de interlocução, possível apenas entre a primeira e a segunda pessoa. Já no segundo, a relação é distanciada, tendo em vista que a terceira pessoa é a “não-pessoa”, aquela que está fora do eixo de interlocução.

Com base no argumento de Benveniste, podemos notar que o uso de “nós” no texto de Zweig oscila de maneira bastante significativa entre o uso exclusivo e inclusivo. Em geral, a forma exclusiva é empregada para as descrições do passado, ao passo que a inclusiva cumpre a função de aproximar o leitor ao narrador, como podemos ver no trecho abaixo, em que a oscilação ocorre dentro de um mesmo parágrafo:

Havia um [grande poeta] na Alemanha e outro na França, um ainda na Itália, mas todos na mesma pátria, pois só viviam na poesia, e na medida em que com rigorosa renúncia evitavam todo o efêmero na sua obra de arte, transformavam em arte sua própria vida. Sempre me parece miraculoso que em nossa juventude tivéssemos tido em nosso meio tais poetas. Mas por isso sempre me pergunto numa espécie de secreta preocupação: nos dias atuais, em nossas novas formas de vida que escorraçam as pessoas criminosamente de seu recolhimento interior

como os animais selvagens são retirados de seus remotos esconderijos quando há incêndio na floresta, nestes dias nossos também seriam possíveis essas almas inteiramente dedicadas à arte lírica? (ZWEIG, 1999, p. 175)

Ao confrontar a riqueza poética de sua geração com a aparente impossibilidade da lírica após a guerra, Zweig deixa clara a dinâmica com que emprega a forma exclusiva e a forma inclusiva de “nós”. Destinada ao passado, a forma exclusiva (que aparece no verbo conjugado, “tivéssemos”, e no pronome possessivo, “nosso meio”) parece marcar a distância entre o “eu” da enunciação e o “eles” da *belle époque*, aos quais o “eu” se sente ligado, já que formam sua geração, mas dos quais está irremediavelmente apartado. Quanto ao uso da forma inclusiva (presente nas expressões possessivas, “nossas novas formas” e “nestes dias nossos”), a referência passa a ser o momento da enunciação e o acompanhante de “eu” se torna o leitor, representado pelo “vós” implícito na forma inclusiva. Nesse segundo caso, o “eu” da enunciação integra outro grupo que não o do passado, mas, sim, o dos herdeiros da catástrofe, daqueles imersos no mundo da guerra e em suas condições degradantes.

Se nos dois casos o “eu” sofre uma diluição ao incorporar o “não eu”, há em ambos também sua ampliação, o que, dadas as já citadas condições de produção de Zweig, garante ao uso de “nós”, à postura generosa de comunhão com o “outro”, um caráter quase de resistência. Dessa forma, em meio à situação de precariedade e à redução do indivíduo, causadas pela guerra, Zweig parece adotar a primeira pessoa do plural como forma de reação e de inserção do “eu” numa comunidade engrandecedora, seja ela a dos “grandes homens do passado”, ou a dos sobreviventes da catástrofe, situada no presente. Em todo o caso, se trata de uma comunidade supranacional, estabelecida pelo intelecto, embora seja declaradamente circunscrita ao continente europeu e ao ideário finissecular. Daí que os “outros” que acompanham o “eu” da enunciação em *O mundo que eu vi* sejam grandes mestres da *belle époque*, exemplos de personalidade e de afirmação individual.

Esse traço da generosidade zweigiana, de escolha precisa dos “outros” no sentido de uma reação contra o aniquilamento da individualidade soberana, parece se manifestar até mesmo na obra biográfica do autor vienense, que se detém sobre “figuras exemplares”, de grande gênio e complexidade psicológica, como Balzac, Freud e Maria Antonieta. Não à toa, logo após a Primeira Guerra, em meio à intensa atividade das vanguardas artísticas, é sobre autores “exemplares” que Zweig procura escrever:

Era preciso recomeçar e esperar que a onda impaciente de todos aqueles “ismos” recuasse, e para isso ajudou-me minha falta de ambição pessoal. Comecei a grande série de “Construtores do Mundo” exatamente por saber que isso me ocuparia por muitos anos [...]. (1999, p. 365)

A série “Construtores do Mundo”, que Zweig afirma ter começado logo após a guerra, aborda a obra de seis escritores (Dostoievski, Balzac, Dickens, Hölderlin, Kleist e Nietzsche), todos “grandes mestres do passado”, como já afirma o título pomposo da série. Isso reforça a ideia de que a biografia dos grandes “eus” empreendida pelo autor vienense, apesar de certa ingenuidade, tenha fortes índices de resistência à condição degradada do indivíduo, o que faz da generosidade pensada de Zweig, poderíamos supor, uma marcação de posição estética e política<sup>3</sup>.

No que diz respeito a suas memórias, como vimos, a inclusão do “outro” não parece decorrer de uma generosidade pura e simples, mas, sim, do esforço para concentrar em torno do “eu”, sob a forma de uma comunidade, os rastros do passado grandioso e também as dores compartilhadas do presente degradado. O narrador de *O mundo que eu vi*, dessa forma, é antes de tudo um mediador (outra designação comum para definir Zweig) entre o “mundo de ontem” e “o mundo de hoje”, aparentemente tão distantes um do outro: “mas, se com o nosso testemunho transmitirmos à próxima geração um pedacinho que seja dos destroços da verdade, não teremos vivido inteiramente em vão” (1999, p. 13). Daí que a posição de testemunha caia muito bem ao narrador de *O mundo que eu vi*, tendo em vista seu empenho em rememorar, transmitir e, portanto, oferecer resistência.

O esforço testemunhal, em que passado e presente se articulam, afasta as pequenas biografias que compõem as memórias de Zweig do diagnóstico de Kracauer a respeito do gênero biográfico. Segundo o crítico alemão:

---

<sup>3</sup> Em um breve comentário sobre Stefan Zweig, Anatol Rosenfeld registra, com boa dose de crítica e ironia, a ligação entre a produção biográfica e o contexto de aniquilamento do indivíduo: “Para a índole das classes médias, atemorizadas pela dissolução das estruturas tradicionais e pelo advento de um mundo de massas anônimas, a exaltação do grande indivíduo e de sua psicologia representam, sem dúvida, uma confirmação de concepções vetustas, uma espécie de parque, onde se cultivam ideais passados, cuidadosamente regados pelos jardineiros-biógrafos, e onde o cidadão passeia nas horas vagas para tomar um arzinho refrescante” (1993, p. 140). Apesar da crítica, Rosenfeld não nega a qualidade literária de Zweig e afirma sua excelência como biógrafo. Independente do juízo do autor, no entanto, fica clara certa postura de resistência contida no exercício biográfico, mesmo que haja doses de oportunismo comercial envolvidos.

Como forma da literatura da nova burguesia, a biografia é um sinal de *fuga* ou, mais precisamente, de evasão. Para não se traírem pelos conhecimentos que questionam a verdadeira existência da burguesia, os biógrafos permanecem na soleira – para a qual foram empurrados pelos acontecimentos mundiais – como se eles estivessem diante de um muro. Ao invés de ultrapassar esta soleira, eles se refugiam, outra vez, no interior do mundo burguês, fato que pode ser demonstrado pela análise das biografias *standard*. Embora essas obras biográficas contemplem a ação da História, elas se perdem de tal modo na sua contemplação, que não mais encontram o caminho de retorno ao presente. A sua escolha de sujeitos dentre as grandes figuras da história é pouco exigente e, em todo caso, não está condicionada ao reconhecimento da situação atual. Elas desejam se livrar da psicologia, que determinou a prosa anterior à guerra, mas, apesar da objetividade aparente da sua matéria, trabalham em parte com as mesmas velhas categorias psicológicas. Elas lançaram o individualismo suspeito para a porta do fundo e, pela entrada principal, reconduzem ao interior da casa burguesa os indivíduos oficialmente endossados. (2009, pp. 120-121, grifos do autor).

Ainda que não abandone de todo a perspectiva burguesa, repleta de nostalgia pelos indivíduos “exemplares” do passado, Zweig não se deixa perder na contemplação do “mundo de ontem”, representando-o antes como irremediavelmente perdido. Ao rememorar a si mesmo em meio a outras biografias, portanto, o autor não empreende o exercício evasivo que sustenta, nas palavras de Kracauer, o gênero biográfico, mas, sim, um testemunho, destinado ao presente, de sua própria dissolução individual e da de seus companheiros em meio às dinâmicas históricas que engendraram, na perspectiva burguesa, a própria necessidade de evasão pela forma biográfica<sup>4</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *O homem na linguagem*. Ensaios sobre a instituição do sujeito através da fala e da escrita. 2. Ed. Lisboa: Arcádia, 1978.

---

<sup>4</sup> Por conta disso, as pequenas biografias que compõem as memórias de Zweig, ainda que construídas sob a perspectiva burguesa, parecem próximas da “subversão” do gênero biográfico que, segundo Kracauer, Trotsky empreendeu em sua autobiografia: “Aqui [na autobiografia de Trotsky] a descrição da vida do indivíduo histórico não é um meio para se esquivar da compreensão de nossa própria situação; ao contrário, ela serve apenas para revelá-la. É por isso que nessa autorepresentação se delinea um indivíduo diverso daquele visado pela literatura burguesa. É um tipo de indivíduo que já se superou, na medida em que somente se torna real pela sua transparência em face da realidade, e não pela afirmação de sua própria realidade. Este novo tipo de indivíduo situa-se fora da nebulosidade das ideologias: ele existe somente na medida em que se anula no interesse das necessidades atuais, reconhecidas” (2009, p. 122).

KRACAUER, Siegfried. A biografia como forma de arte da nova burguesia. In: *O ornamento das massas*. São Paulo: Cosacnaify, 2009.

LASCH, Christopher. *O mínimo eu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

ROSENFELD, Anatol. *Letras germânicas*. Perspectiva: São Paulo, 1993.

ZWEIG, Stefan. *O mundo que eu vi*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Record, 1999.

---

Recebido em: 22/11/2016

Aceito em: 16/01/2017